

MULHER INDÍGENA POTIGUARA: UM ESTUDO SOBRE OS PAPÉIS EXERCIDOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES ENQUANTO AGENTE DENTRO DAS ALDEIAS, ACADEMIA E FORA DESSES

Ivanilza Cinesio Gomes¹
Patrícia Cinesio Gomes²
Iracilda Cinesio Gomes³

RESUMO

Ainda que imersas ao sistema machista em que sobrevivemos, tendo as funções de cuidadora do lar e da família, há uma enorme distinção no que diz respeito às funções executadas por mulheres de diferentes grupos sociais, assim, fez-se um estudo sobre os papéis exercidos pela mulher indígena Potiguara fora e dentro da universidade. Os resultados foram alcançados mediante pesquisa exploratória e bibliográfica, trabalhando autores que abordam as temáticas aqui propostas e utilizando questionário com perguntas abertas e de múltipla escolha. Realizou-se um estudo com indígenas Potiguara da Paraíba que vive tanto nas aldeias localizadas nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição quanto com estudantes indígenas Potiguara que vive na área urbana, tanto nas cidades que se localizam próximas aos territórios indígenas quanto em cidades distantes das aldeias e conseqüentemente da cultura Potiguara. Não foi delimitada uma faixa etária, no intuito de distinguir papéis diferentes advindos também da idade. Propomo-nos ainda a enxergar uma distinção entre essas estudantes que compõem diferentes papéis no núcleo familiar, a exemplo mãe e esposa. Entre os resultados da pesquisa pode-se afirmar que a indígena Potiguara cumpre papéis que vão além do seio familiar, que vai desde pequenas ajudas a parentes de sua aldeia à uma construção coletiva para o bem de seu povo. Na academia representam e/ou compõem um núcleo ativista seguindo pautas étnico/raciais, feministas, LGBT+ entre outras. Considera-se que a universitária Potiguara tem tido êxito enquanto sujeito acadêmico a partir do momento que investe em um movimento de luta.

Palavras-chave: Mulher Potiguara, Papéis Sociais, Empoderamento.

INTRODUÇÃO

Historicamente a figura feminina teve seus direitos reprimidos sendo-lhe dado um papel inferior à sua capacidade, no entanto este padrão a limitava/limita. Sabe-se que a mulher tem aptidão igual ou talvez ainda maior que o que é compreendido o limite masculino. No entanto, o estabelecimento que por milênios foi adotado, de que a mulher

¹ Graduanda do Curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, _
ivannilzacinesio@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Letras Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, _
pcg.marc21@gmail.com;

³ Graduada pelo Curso de Ecologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, _
iracildaecologia@gmail.com;

deve limitar-se a afazeres domésticos, cuidar da família e do bem estar desse meio, trouxe a esse ser social uma legião de dificuldades para desconstruir o que por anos foi tido como determinismo. Porém, com a conquista de algumas desmistificações por meio de movimentos feministas a mulher passa a atuar nos mais diversos papéis sociais. Apesar de que Meentzen (2001, p. 12) afirma que até hoje “Las desigualdades entre hombres y mujeres se pueden visibilizar y medir. Las brechas de género miden la distancia entre la situación de las mujeres en comparación con la de los hombres”.

Sabe-se que a humanidade é diversa, seja no aspecto cultural, social ou étnico-racial, vivemos em uma sociedade plural onde esses grupos sociais se constituem por homens e mulheres. Ter a percepção dessa diversidade nos faz procurar uma distinção na dificuldade tida entre as várias mulheres e os muitos papéis que essas ocupam em meio à sociedade.

Compreendendo que apesar de as mulheres, imersas ao sistema machista em que sobrevivemos, tendo as funções de cuidadora do lar e da família, há uma enorme distinção no que diz respeito às funções executadas pelas mulheres desses diversos grupos sociais. Realizou-se neste trabalho um estudo sobre os papéis exercidos pela mulher indígena Potiguara da Paraíba fora e dentro da universidade. Por considerarmos que não diferente das demais mulheres, a mulher indígena também dribla esses obstáculos e atualmente ocupa diversos espaços, sejam eles dentro das aldeias, das universidades ou fora desses ambientes. Como esclarecido por Dutra e Mayorga (2019, p. 114) “mulheres indígenas de diferentes etnias estão, pouco a pouco, construindo espaços de maior visibilidade política, incluindo o universo acadêmico”.

A proposta do estudo se deu por considerarmos que esse é um ponto pouco estudado, especificamente no que diz respeito a mulher Potiguara, sendo de total interesse das autoras por serem indígenas da etnia Potiguara e considerarem de extrema importância como tentativa de gerar estímulo para um maior empoderamento dessas mulheres; e para estimular e/ou contribuir com estudos futuros a respeito das mulheres indígenas Potiguara.

Objetivou-se com o estudo dissertar a respeito dos papéis desempenhados pela mulher indígena Potiguara que se encontra enquanto componente acadêmico seja dentro ou fora desse espaço; compreender as possíveis diferenças quanto aos papéis executados pelas universitárias Potiguara a partir da faixa etária, estado civil, idade, papel

desempenhado no seio familiar e lugar onde mora; identificar a forma como estas mulheres têm se constituído enquanto sujeito acadêmico e social;

Ante o exposto teve-se como objeto de pesquisa a mulher indígena da etnia Potiguara da Paraíba. Com o intuito de um estudo abrangente e que houvesse representatividade e contemplação considerou-se todos os níveis acadêmicos, desde graduação a doutorado, seja na modalidade presencial ou virtual, de universidades públicas ou privadas. A pesquisa parte de um estudo com procedimento exploratório e bibliográfico, com teor qualitativo, realizada mediante questionário enviado às pessoas que obtém o perfil aqui estudado.

Ao fim do estudo notou-se que das 34 universitárias Potiguara que responderam o formulário a maioria ocupa funções de extrema relevância para os povos de sua etnia e pratica também ações importantes na universidade e comunidade em que vive. Viu-se que não houve uma distinção das funções e contribuições advindas de idade, local onde reside ou papel exercido no núcleo familiar. No entanto, as estudantes que têm alguma contribuição dentro da academia são as universitárias que estudam no formato presencial, visto que virtualmente elas não se têm contato incisivo com as turmas de seu curso ou as dos demais, impossibilitando assim ações voltadas a cultura, discussões sobre os direitos e realidade dos indígenas. Apesar desse ponto, viu-se que as mulheres que aqui representam as universitárias Potiguara da Paraíba compõe um grupo de liderança feminina que vem ocupando espaços dentro das aldeias, de suas cidades, da universidade e dos ambientes de seu alcance.

METODOLOGIA

Propomo-nos a alcançar informações a respeito das mulheres indígenas Potiguara da Paraíba que se encontram enquanto sujeito acadêmico em graduação, especialização, mestrado ou doutorado, em Universidades Federais ou privadas, seja na modalidade virtual ou presencial. Fez-se o estudo com indígenas Potiguara da Paraíba que vivem tanto nas aldeias localizadas nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição quanto com estudantes indígenas Potiguara que vivem na área urbana; desde cidades que se localizam próximas aos Territórios Indígenas Potiguara - TIs até municípios distantes das aldeias e conseqüentemente da cultura indígena Potiguara.

Não foi delimitada uma faixa etária, no intuito de distinguir papéis diferentes advindos também da idade. Atentamos ainda a enxergar uma distinção entre essas estudantes que compõe diferentes papéis no núcleo familiar, a exemplo mãe e esposa.

Como subsídios para reforçar e fundamentar nosso estudo, também para embasarmos os resultados alcançados e nossas considerações utilizamos autores como Meentzen (2001), Borges (2018) e Santos (2018) que pesquisam a mulher indígena nos diversos âmbitos sociais. Tornando a pesquisa de caráter bibliográfico, considerando que segundo Gil (2002, p. 44) ela “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Os resultados foram alcançados através de formulário elaborado na plataforma digital google com perguntas abertas e de múltipla escolha, chegando a um total de 16 perguntas; compartilhado nas redes sociais em decorrência do Covid-19. Realizando-se assim, uma pesquisa exploratória que de acordo com Gil (2002, p. 41) “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. A pesquisa enquadrou-se ainda ao modo qualitativo, pois não buscamos um perfil específico nas respostas e não foi considerado um número e sim os resultados. A respeito, Gil (2002, p. 133) afirma que ela “depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”.

O estudo teve duração de cinco meses, sendo que a pesquisa através do formulário iniciou-se no dia 2 de setembro tendo duração até o dia 22 de outubro do ano vigente, obtendo um total de 34 formulários respondidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O sexo feminino sempre sofreu violação de direitos, sejam brancas, afrodescendentes/negras, ciganas, indígenas, conservadoras ou feministas o desrespeito quanto a esse ser sempre existiu. Não é recente o fato de que a figura feminina vêm ocupando espaços que outrora não ocupara. Antes mesmo do sufrágio as mulheres vinham desempenhando funções externas ao seio familiar, na sociedade. Ainda assim, não foi simples conquistar espaços dos quais não eram consideradas dignas e/ou capazes. Mas a partir de reivindicações mediante muita luta e resistência, aos poucos, a mulher foi se constituindo enquanto ser social participativo.

Não se é diferente quando referimo-nos às conquistas alcançadas pelas mulheres indígenas. Apesar de seus direitos terem sido recorridos mais tardiamente, os espaços antes ocupados apenas por indígenas do sexo masculino atualmente são disputados e ocupados também pelas mulheres. Vale salientar que não são apenas os espaços antes ocupados por homens indígenas como também por não indígenas. Portanto, esse ser social vem desempenhando papéis não somente dentro como fora das TI's.

Em estudos coordenados por Meentzen no ano de 2001, foi constatado que mulheres indígenas de diversas etnias do continente americano têm como função nas aldeias:

la alimentación y el cuidado de la salud de todos los miembros de la familia, de la limpieza de la ropa, de la casa, etc [...] Además, en muchos pueblos indígenas las mujeres son productoras agrícolas, ganaderas o recolectoras. Cuando los hombres salen de la comunidad, ellas asumen prácticamente todas las tareas en la producción, adicionalmente al trabajo doméstico y comunitario (2001, p. 16).

Além da observação feita por Meentzen (2001), Matos (2012, p. 146) esclarece que “Engana-se quem pensa ser recente o protagonismo das mulheres indígenas no campo político das relações interétnicas só porque o movimento indígena incorporou a perspectiva de gênero em sua agenda política nesses últimos anos”, pois deve ser considerado a influência política que é dada através das mulheres em suas casas e nas aldeias. Apesar de não terem entrado antes em pautas e movimentos a mulher indígena esteve por anos, ainda que por trás das cortinas, revelando e discutindo suas pautas, questionamentos e direcionamentos entre esposos e familiares. Então, apesar de não ter sido algo incisivo, a mulher indígena ainda que de forma indireta, sempre esteve nas discussões políticas de seu povo. Para mais, ela vem desde o início de sua existência tendo funções importantes que fogem ao âmbito doméstico. Eram e seguem, em suma, grandes curandeiras, parteiras e artesãs.

No âmbito social, a mulher indígena foi invisibilizada, não sendo considerada sua particularidade e sim seu povo como um todo, sem estudos ou ações voltadas a esse grupo. Ante o exposto, Santos (2012) esclarece que essa invisibilidade vai desde as políticas públicas até a tradição etnológica. Apesar dos dados, atualmente, através de muita luta e resistência, vêm conquistando outros espaços dentro e/ou fora das aldeias.

Especificando nosso objeto de estudo, Silva e Nascimento (2013, p. 220) afirmam que elas “assumem a posição de liderança nas aldeias e promovem o fortalecimento das políticas de autoafirmação da etnia”. Outrossim, vê-se nitidamente

que a mulher Potiguara vem ocupando espaços, entre eles, cargos políticos e de liderança desde 1992, quando tivemos a primeira prefeita indígena do Brasil, Nanci Cassiano Soares - uma Potiguara (PALITOT, 2005). Após essa conquista a mulher Potiguara vem cada vez mais exercendo papéis na sociedade, papéis esses que eram exercidos apenas por homens como, por exemplo, também nos anos 90 nomeou-se a primeira cacica Potiguara, Maria Hilária (ANDRADE, 2008); em 2008 foi eleita a primeira vereadora Potiguara, Claudenice da Silva Braz (CONCEIÇÃO, 2018); no ano de 2016 elegeu-se a primeira prefeita do município de Marcação, Eliselma Silva de Oliveira – Potiguara; também em 2016 ingressou no Programa de Pós Graduação em Ciência das Religiões a primeira mulher indígena Potiguara, Iranilza Cinésio Gomes Félix; no ano de 2017 registrou-se como a primeira mulher da Paraíba a ser motorista do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU, Iracema, também Potiguara (TV Arapuan, 2017).

Vê-se que aos poucos foi-se adentrando a espaços de liderança como cacica e prefeita e em profissões nas áreas de educação, saúde, turismo, transporte, cultura, administração entre outros ramos. Além disso, há na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, especialmente no Campus IV e I, um vasto numero de mulheres Potiguara que estão se graduando em áreas diversas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres Potiguara que responderam o formulário encontram-se nos cursos de Secretariado Executivo Bilíngue, Bacharelado em Ecologia, Letras - Português, Pedagogia, Letras - Inglês, Licenciatura em Matemática, Antropologia, Pedagogia em Educação do Campo, Veterinária, Design, Jornalismo, Especialização em Educação de Jovens e Adultos, Licenciatura Intercultural Indígena e Técnico em Enfermagem. Entre elas 30 cursam na modalidade presencial e 4 de forma virtual.

A faixa etária delas são entre 19 e 49. Delas, 14 encontram-se morando na cidade de Marcação, 12 em Baía da Traição, três em Rio Tinto, duas em João Pessoa, uma em Mamanguape, uma em Brasília e uma em Areia; Sendo que oito não moram em aldeia, e as demais moram nas aldeias distribuídas entre as três cidades da TI Potiguara. No seio familiar apenas uma se encontra sendo mãe e avó; quatro são mãe e esposa, dez são somente esposa, quatro são somente mãe e 15 somente filha. Como profissão 16 são

apenas estudantes, 9 são professoras, duas são professoras de Educação Infantil, duas são Guia de Turismo, duas são agricultoras, uma se nomeou enquanto dona de casa, uma é auxiliar e uma é empreendedora.

Quanto a função social que exercem no local onde moram três coincidem sendo artesã, doze fazem trabalhos na agricultura e oito são professoras voluntárias. Além dessas ações, outras registradas são: costureira, artista, pintora, desenhista, atividades direcionadas a juventude e as mulheres, Guia de Turismo, agente de mudança, militante no movimento da Educação Escolar Indígena, representante dos professores indígenas Potiguara no Conselho Estadual de Educação, membro da comissão da Organização dos Professores Indígenas Potiguara - OPIP, professora voluntária do Cursinho Pré-vestibular ofertado para indígenas Potiguara pelo Programa de Educação Tutorial - PET indígena, ajudante de parteira, agricultora e iniciante em apicultura; dez praticam outras ações voluntárias no local onde mora e cinco afirmaram não exercer função social. Apesar desse último dado ficou perceptível a diversidade de ações praticadas pelas Potiguara que se encontram enquanto componente acadêmico voltadas ao ambiente e as pessoas de onde moram.

Indagando sobre as contribuições que elas proporcionam ao local e/ou pessoas de onde vivem, tivemos respostas frequentes de que são militantes da causa indígena, promovem a cultura no local onde moram, realizam ações com o intuito de trazer conhecimento para as pessoas de onde moram, empoderamento às mulheres especialmente indígenas e exercem o papel de liderança jovem no âmbito nacional. Sobre esses aspectos pode-se comparar a afirmação de Borges (2018, p. 56) de que “Dentro e fora da aldeia, muitas mulheres Munduruku têm levantado a voz e se juntado ao movimento de mulheres indígenas”; no intuito de, com propriedade, afirmar que há um número considerável de mulheres Potiguara, especificamente dentro da dimensão desse estudo, que se encaixam ao perfil dessas mulheres da etnia Munduruku.

Além desses aspectos elas afirmaram contribuir com a renda do local trazendo turistas e promovendo o conhecimento e desmistificação a respeito da cultura indígena, contribuem passando conhecimentos científicos que foram obtidos na academia para uma consolidação com o saber tradicional, incentivam a comunidade a estudar, fazem parte de projetos para ajudar pessoas carentes, lutam por uma Educação Escolar Indígena de qualidade, praticam atos ecológicos de preservação ambiental e tentam junto ao movimento indígena buscar melhorias no campo da educação, educação e

esporte. Contudo, algumas delas afirmaram não realizar ações voltadas às pessoas e/ou local onde moram.

Questionadas se há algo mais que desejam promover ao local e/ou pessoas: sete responderam que não, e as demais oscilaram sobre o desejo em contribuir na formação de lideranças jovens, femininas; promover empoderamento cultural aos parentes Potiguara e reconhecimento e valorização da cultura; buscar atividades que possam estabelecer entre indígenas de outras etnias; conscientizar as pessoas em relação ao desmatamento existente na TI Potiguara; engajar-se na luta pelos direitos dos povos indígenas; oferecer subsídios e/ou ideias de projetos para independência financeira feminina; promover educação escolar indígena de forma mais efetiva; promover formas para que as crianças obtenham também e cultivem os saberes Potiguara; oportunizar a aprendizagem quanto a confecção de artesanato e pinturas através de cursos; criar uma associação e trabalhar com plantas medicinais junto com a comunidade; inserção de projetos afim de atender a população indígena e cidadãos carentes; participar de ações de mulheres indígenas na aldeia; formas de obter curso superior específico para professores indígenas; Construção de uma biblioteca comunitária; Conseguir ofertar aulas de música e teatro; construir um grupos de apoio às mulheres.

Na academia, os papéis exercidos pelas mulheres Potiguara são: bolsista, voluntária de projeto, núcleo de associação, ativista (representante/membra de movimento(s) estudantil(is) e monitoria. A respeito das pautas que reivindicam no âmbito acadêmico e/ou social como um todo, as pautas mais assíduas foram étnicas/raciais e educação e/ou universidade pública, gratuita e de qualidade, todavia grande maioria lutam também pelas seguintes pautas: LGBT+, feminista, estudantis, saúde pública.

Questionadas se praticam algo a respeito da cultura indígena e/ou cuidados com o outro na universidade, dez responderam que não; E as demais respostas coincidiram dizendo que sempre que possível dialogam a respeito da questão indígena seja em eventos ou salas de aula; dançam o ritual Toré, fazem uso das plantas medicinais e transmitem esse conhecimento a colegas indígenas e/ou não indígenas.

Sobre as contribuições que promovem ao local e/ou às pessoas da comunidade acadêmica, afirmaram promover a valorização e conhecimento sobre a cultura Potiguara, trazendo para ambientes universitários o ritual do toré, e especialmente em eventos, diálogos sobre os povos indígenas, suas realidades e dificuldades; adequam

projetos e trabalhos científicos à temáticas indígenas, promovem discussões a respeito da Educação Escolar Indígena, e empoderamento feminino e da juventude Potiguará.

Com relação ao que pretendem no âmbito acadêmico que perpassa os papéis de estudante na universidade, doze não especificaram. As demais resposta quanto a esse aspecto diziam respeito à ânsia de projetos que realizem atividades fora do âmbito acadêmico especificamente dentro das aldeias; contribuir com a entrada e adaptação de indígenas na universidade; discussão para possibilitar encontros para o corpo estudantil que são contemplados pelo módulo virtual para discussões, entre elas, a questão indígena; promover discussões e eventos a respeito da questão ambiental na universidade e posteriormente nas aldeias; produção de trabalhos acadêmicos que contemplem a questão indígena e a mulher indígena, e discutir sobre a necessidade de vagas específicas para indígenas em cursos de pós graduação.

Em comentários a respeito da temática e/ou de suas experiências as mulheres comentaram a respeito da importância de estudos sobre a mulher indígena, sobre suas dificuldades e invisibilidade; da importância do empoderamento da mulher indígena e sua independência, e da necessidade de formas que contribuam no ingresso e permanência de outras na universidade. Um dos comentários feitos reflete que “A luta para nós indígenas permanecer no âmbito acadêmico é árdua e fica ainda mais [...] quando se trata de nós mulheres, pois temos que desdobrar para conseguir nos manter [...] na luta entre o ambiente acadêmico e o familiar” (Informação, formulário Google, novembro, 2020). Perante esse comentário é possível ratificar as considerações de Meentzen (2001, p. 30):

son las mujeres solas, las que tienen mayor libertad para tomar sus propias decisiones, organizar su tiempo y participar en las asambleas comunales u ocupar un cargo en la junta directiva. Sin embargo, para las mujeres casadas, es mucho más difícil, lograr que el esposo les de permiso y que asuma mientras tanto las tareas de la mujer.

Outrossim, reafirma-se nossa convicção de que a mulher indígena seja ela solteira, casada e/ou com filhos passa por inúmeras dificuldades, uma vez que, essa, ainda imersa a uma educação e sistema machista que atribui a ela, e somente a ela, tarefas que independente se trabalha, estuda ou pratica outras funções sociais enxerga-se como dever determinante de continuar cuidando dos afazeres domésticos, e quando é o caso, de filhos e esposo. Devendo assim, encontrar formas de conciliá-los.

Quanto a isso, em análise às respostas das mulheres que são esposa, mães, avó e/ou ainda muito jovem, notou-se que apesar de serem fatos que podem dificultar

possíveis atos, não são pontos que chegam a impossibilitá-las a realizar ações e ocupar espaços. Têm conseguido enfrentar os obstáculos que as cercam. No que diz respeito às Potiguara que moram fora das aldeias foi perceptível que ainda assim cultuam tradições de sua etnia e empenham-se em discutir e defrontar pela causa indígena.

Apesar de algumas das universitárias Potiguara não contribuírem atualmente com ações voltadas ao lugar onde moram, pessoas e/ou ao âmbito acadêmico, grande maioria têm planos para iniciar.

Examinando os dados com relação ao formato de ensino a distância, notou-se que é um fator que impossibilita ações dessas mulheres quanto a questões culturais e contribuições externas a esse aspecto na academia. No entanto, isso impossibilita essas mulheres apenas no espaço acadêmico, mas elas contribuem grandemente ao local e pessoas de onde moram.

Em um âmbito mais geral, na obra Índio na visão dos índios: Potiguara, escrita por representantes dessa etnia, Silva (2011, p. 7) retrata que “Ser mulher Potiguara [...] É ser, mãe, parteira, agricultora, marisqueira, conselheira tutelar, vereadora, artesã, cacique, liderança e acima de tudo uma guerreira”. No que tange as universitárias indígenas Potiguara, ainda que com diversos obstáculos para seguir o que pretendem têm desenvolvido diversos papéis na sociedade, entre eles: professoras, lideranças indígenas, agricultoras, artesãs, ajudante de parteira, representante dos professores indígenas Potiguara no Conselho Estadual de Educação entre outros. Dentro das universidades têm ocupado espaços de luta, geralmente à frente e/ou compondo movimentos em busca do bem comum, em associações, projetos e movimentos estudantis independentes, buscando formas de disseminar a cultura Potiguara. Resultados que mostram paridade com o que é dissertado por Silva (2011, p. 7) ao se referir às mulheres indígenas Potiguara como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos condizem com a hipótese de que a universitária indígena Potiguara além de ações feitas em benefício das pessoas a seu redor se encaixa em um perfil de luta, uma vez que está não somente em defesa das pautas que beneficiam seu povo como também toda sua classe (mulher, estudante, pobre) e a sociedade/minorias como um todo.

Em suma, viu-se que a universitária Potiguara muito contribui em melhorias para seu povo e em visibilidade, discussões, desmistificações e possibilidades no âmbito acadêmico. A mulher Potiguara tem se constituído enquanto ativista dentro da academia e nos diversos espaços sócias em constantes iniciativas e projeções de ações voltadas a mulher, a indígenas, especialmente da etnia Potiguara e em prol de pessoas que necessitam de ações voluntárias por não terem recursos para suprir determinadas necessidades.

Alcançando a diversidade de perfis que pretendíamos ficou evidente que a mulher Potiguara que atualmente se encontra em cursos de variadas áreas e níveis, de diferentes modalidades, que contém idades discrepantes, que são mãe, avó ou semente filha e que moram tanto na aldeia como a quilômetro delas, são indígenas cientes da importância de seus atos atuais e dos futuros papéis que desempenharão; integram, ainda que por vezes de forma individual, um engajamento que visa um empoderamento feminino, fato essencial para que outras indígenas adentrem a espaços e funções sociais.

Por fim, podemos afirmar com propriedade que as universitárias Potiguara, constituindo esses espaços sociais e funções tão importantes são também resultado do que é descrito por Menntzen (2001, p. 27): mujeres que han ocupado cargos a nivel local o regional destacan su experiencia de crecimiento personal [...] haber logrado mayor responsabilidad y prestigio [...] al tiempo de haber conquistado nuevos espacios de acción.

Enfatizamos aqui a importância de novos estudos a respeito da mulher indígena seja ela Potiguara ou de outras etnias, para que sejamos vistas e dada a devida importância; para que por meio de ações interventivas e/ou de escritos delimitem objetivos que colabore no empoderamento feminino, e incentivo a adentrar novos espaços.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antonio Ricardo Pereira de. **Cultura e sustentabilidade**: A sociedade Potiguara e um novo mal estar na civilização / Antonio Ricardo Pereira de Andrade. 2008.

BORGES, Águeda Aparecida da Cruz. **Ser mulher indígena**: Resistência e subjetivação. Littera online. N° 17. Maranhão: Programa de Pós-Graduação em Letras/ Universidade Federal do Maranhão, 2018, 49-64.

CONCEIÇÃO, Keyla Francis de Jesus da. **A invisibilidade do indígena no processo eleitoral brasileiro**: As Organizações Indígenas e a luta pela representação política. Universidade de Brasília Faculdade de Direito - FD Programa de Pós-Graduação em Direito, Brasília, 2018.

DUTRA, Juliana Cabral de Oliveira; MAYORGA, Claudia. **Mulheres Indígenas em Movimentos**: Possíveis Articulações entre Gênero e Política. Psicologia: Ciência e Profissão 2019 v. 39 (n.spe.), e221693, 113-129.

LIMA, Ailton Silva de. et al. **Índios na visão dos índios**: Potiguara. GERLIC, Sebastián; ZOETTL, Peter Anton (orgs.) Salvador: Thydêwá, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas. 2002

MATOS, Maria Helena Ortolan. Mulheres no movimento indígena: do espaço de complementariedade ao lugar de especificidade. In: **Gênero e povos indígenas**. coletânea de textos produzidos para o "Fazendo Gênero 9" e para a "27ª Reunião Brasileira de Antropologia". (Org) Ângela Sacchi e Márcia Maria Gramkow. Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ / FUNAI, 2012, 140-171

MEENTZEN, Angela. **Estrategias de desarrollo culturalmente adecuadas para mujeres indígenas** (versión preliminar). Unidad de Pueblos Indígena y Desarrollo Comunitario, Departamento de Desarrollo Sostenible. Washington: Banco Interamericano de Desarrollo. 2001.

PALITOT, Estêvão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór**: História, Etnicidade e cultura / Estêvão Martins Palitot. UFPB, João Pessoa, 2005.

SANTOS, Fabiane Vinente dos. **Mulheres indígenas, movimento social e feminismo na Amazônia**: empreendendo aproximações e distanciamentos necessários. Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, LAPESAM/GISREA/UFAM/CNPq/EDUA - ISSN 1983-3423. Ano 5, vol VIII, 2012-1, jan-jun, Pág 94-104

SILVA, Paulo Roberto Palhano; NASCIMENTO, José Mateus do. **Educação e movimentos sociais**: registro do Toré Potiguara - a força da espiritualidade. Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 14, n.2, p.216 - 221 jul./dez. 2013, ISSN 1518-0689

TV Arapuan. **Conheça a história da única condutora mulher do Samu na Paraíba**. You Tube. Março, 2017 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tOFgvNDY-IY>>. acesso em: 14 de out. 2020. 3:19 min.